

Novos desafios na educação: a Internet na educação presencial e virtual

José Moran

*Texto transcrito de uma palestra que dei na Universidade Federal de Pelotas e publicado no livro **Saberes e Linguagens de educação e comunicação**, organizado por Tânia Maria E. Porto, editora da UFPel, Pelotas, 2001, páginas 19-44.*
moran10@gmail.com

Resumo

Com a chegada da Internet defrontamos-nos com novas possibilidades, desafios e incertezas no processo de ensino-aprendizagem. Como aprender com tecnologias que vão se tornando cada vez mais sofisticadas, mais desafiadoras? Ensinar é gerenciar a seleção e organização da informação para transformá-la em conhecimento e sabedoria, em um contexto rico de comunicação. Não podemos ver a Internet como solução mágica para modificar profundamente a relação pedagógica, mas ela pode facilitar como nunca antes, a pesquisa individual e grupal, o intercâmbio de professores com professores, de alunos com alunos, de professores com alunos. A Internet propicia a troca de experiências, de dúvidas, de materiais, as trocas pessoais, tanto de quem está perto como longe geograficamente. A Internet pode ajudar o professor a preparar melhor a sua aula, a ampliar as formas de lecionar, a modificar o processo de avaliação e de comunicação com o aluno e com os seus colegas.

Novos desafios na educação

Educar com tecnologias

Ensinar e aprender com a Internet

Utilização de recursos simples da Internet

Avaliação do ensino/aprendizagem com a Internet

Alguns problemas no uso da Internet

Novos desafios na educação

Procurarei trazer algumas questões sobre como ensinar e aprender de forma inovadora, com novas tecnologias, principalmente com a Internet.

A minha preocupação está em como unir todas as questões humanísticas de comunicação interpessoal, de troca entre professores, docentes, alunos, com tecnologias.

Em primeiro lugar, vou apresentar algumas questões gerais. Estão acontecendo mudanças tão profundas na sociedade, que elas afetam também a educação. Nunca tivemos tantas mudanças em todos os campos – na medicina, nas ciências, no comportamento, e também na educação. Ela está sofrendo processos sérios de gerenciamento, de avanço do particular e reorganização do público. Está havendo pressão pela educação contínua, pela educação a distância. Isso nos obriga a repensar os modelos pedagógicos que nós temos, aqueles modelos centrados no professor, que começam a mudar, a ser mais participativos. Hoje, começam a se aproximar metodologias, programas, tecnologias e gerenciamento, tanto dos cursos presenciais

como dos cursos a distância ou virtuais. Aos poucos a educação vai-se tornando uma mistura de cursos, de sala de aula física e também de intercâmbio virtual. Há um processo de aproximação. Daqui a cinco anos, aproximadamente, falar de educação a distância e de educação presencial, não vai ter tanto sentido. Em alguns cursos, predominará o presencial, em outros o virtual, mas tudo será híbrido nesses próximos anos e será possível com facilidade fazer cursos em vários lugares, tanto aqui, na USP, na PUC ou na UFRGS em Porto Alegre. Há uma série de iniciativas promissoras. Estão surgindo consórcios de Educação a distância, públicos como a UNIREDE e particulares, como a UVB – Universidade Virtual Brasileira. Uma série de propostas novas estão surgindo. Isso nos obriga a redimensionar, a reorganizar o conceito de aula presencial.

Está mudando o conceito de aula. Vou lhes dar um pequeno exemplo pessoal. No ano passado, no fim do primeiro semestre, tive que ir à Espanha por causa do falecimento do meu pai. Uma morte repentina apesar da idade dele. Estava faltando quase um mês para terminar os meus cursos, dois de graduação e um de pós-graduação. Então, eu disse que iria à Espanha e tentaríamos encaminhar as atividades programadas para a última etapa. Todos os alunos estavam conectados através de e-mail, tínhamos as e onde nos falávamos, trocávamos materiais. Ao mesmo tempo em que estava com a minha família, entrava todo dia no computador do meu irmão, numa cidade pequena no noroeste da Espanha, Vigo, perto de Santiago de Compostela com uns 350.000 habitantes. Entrava em contato com a página da USP, lia as mensagens dos alunos, enviava respostas, propunha algumas atividades para cada grupo, para continuar pesquisando. Recebi os trabalhos, avalei-os e enviei as notas para a secretaria. Enquanto estava com a minha família, também desenvolvia atividades acadêmicas que permitiam ampliar o conceito de aula presencial. Estávamos ensinando e aprendendo de uma outra forma. A dez mil quilômetros, eu tive a clara percepção de que o meu papel se modificava, ampliava. Era um professor em contato, gerenciador de processos, não o informante, o que “dá aula”, mas o que “gerenciava atividades a distância”. O conceito de aula muda porque, mesmo distante, o processo de aprendizagem pode acontecer. À medida que essas tecnologias vão-se tornando mais e mais rápidas, além de escrever coisas e ler mensagens, poderemos ver os alunos, eles verão o professor, a um custo relativamente barato. Então, isto vai modificar profundamente todo o conceito que nós temos de aula e o nosso papel professor e aluno. Pergunto-me: Quando vale a pena irmos juntos a uma sala de aula e para fazer o quê? Como é que eu vou dar aula para o aluno que está em casa e me vê? Como vai ser este tipo de aula? Que tipo de atividades eu vou desenvolver? São essas as questões que estou apresentando. Para falar dos cursos mais avançados, existe o conceito que nós chamamos de banda larga de transmissão em tempo real. Em São Paulo há o Virtual da Net, o @jato da TVA, o Speed da Telefônica. Permitem que haja um acesso maior de velocidade. Uma pessoa coloca uma câmera pequena, a outra coloca também uma câmera, e as pessoas se veem, se falam. Posso uma aula dar em uma tela de computador ou num telão. Aparece a minha imagem, ao lado aparece o resumo do que eu estou falando, o aluno pode utilizar um *chat* e fazer um comentário ou pergunta, e eu administro o ritmo da aula, quando responder, a quem autorizar a falar, etc. Basta ter só um pouquinho mais de velocidade e isto já começa a ser possível. Como a velocidade está chegando, daqui a um ou dois anos, no máximo, nas Universidades vai estar implantada a banda larga para alguns cursos de especialização, de pós-graduação e algumas disciplinas da graduação.

Nós temos que pensar sobre como dar aula. É desafiador. Não é um modismo, não é algo voluntário e só alguns professores fanáticos irão fazer. Cada um de nós vai, de alguma forma, confrontar-se com essa necessidade de reorganizar o processo de ensinar. Não será tudo a distância, sem contato físico. Nós precisamos do contato, do encontro.

Ele é e será sempre superior ao que nós fizemos através de uma câmera. Mas será muito mais cômodo. Você se conecta, eu posso estar na minha sala, em São Paulo e conectado com uma série de alunos em Pelotas, por exemplo. Podemos marcar um horário para orientação individual ou grupal, para tirar dúvidas, para desenvolver uma pesquisa. Evitamos todo esse deslocamento atual. Depois que você está presente (depois da viagem...) vale muito mais a pena, pela intensidade da troca, estarmos juntos. Mas a comunicação virtual será muito mais econômica e cômoda para todos. A relação custo x benefício vai fazer com que todos tenham que repensar esse processo. Hoje, muitas faculdades estão sendo abertas em cidades menores. Há uma proliferação de cursos superiores. Se eles não forem bons, daqui a pouco tempo, será possível escolher fazê-lo localmente ou a distância, em universidades de ponta, comodamente.

Hoje muita gente faz faculdade aqui porque fica perto, porque não tem outra opção, porque é caro ir para uma cidade grande. Teremos grandes centros com alguns núcleos de apoio locais, onde o importante é a grande universidade, onde você tem os grandes professores, grupos de pesquisa e *know-how* gerencial. Não quero assustá-los, mas as mudanças serão muito significativas. O papel do professor no nível superior também está se modificando bastante. Na escola, na pré-escola, a inserção em ambientes virtuais serão feitas com muito mais cuidado, vai ser muito mais difícil, no sentido de se ter mais cuidado. A criança tem que aprender a conviver, a estar com os outros, a socializar-se. Então, o foco da educação a distância não será para alunos pequenos. A pré-escola vai incorporar alguns momentos em que os alunos navegarão na Internet, verão outras crianças em outras escolas, conversarão, mas, em geral, eles estarão fisicamente juntos, aprendendo a conviver. Na educação superior e contínua de adultos, a flexibilidade de propostas pedagógicas e tecnológicas será muito mais abrangente.

Educar com tecnologias

Depois desse panorama que parece um pouco assustador para alguns, vou expor o que é educar. A questão fundamental não é a tecnológica. As tecnologias podem nos ajudar, mas, fundamentalmente, educar é aprender a gerenciar um conjunto de informações e torná-las algo significativo para cada um de nós, isto é, o conhecimento. Hoje nós temos inúmeras informações e um conhecimento bem menor, porque estas nos escapam, estão soltas, não sabemos reorganizá-las. O conhecimento é isso. Além de gerenciar a informação, é importante aprender a gerenciar também sentimentos, afetos, todo o universo das emoções. Educar é um processo complexo, não é somente ensinar ideias, é ensinar também a lidar com toda essa gama de sensações, emoções que nos ajudem a nos equilibrarmos e a viver com confiança. O professor que tem uma atitude de equilíbrio e que inspira confiança, ajuda muito os seus alunos a evoluir no processo de aprendizagem.

Ao mesmo tempo, educar também é aprender a gerenciar valores. Não basta só informação e conhecimento. A universidade se omite muito neste campo, quando deixa os valores para o âmbito da família, religião, do campo pessoal. Tudo está impregnado de valor, mesmo as equações mais abstratas.

A educação tem sentido se trabalhamos com valores que nos ajudem a nos realizarmos, a sermos felizes – professores, alunos e os demais envolvidos no processo. De que adianta educar somente para o trabalho? Ele é importante, mas tem tanta gente insatisfeita, mesmo ganhando muito....! De que adianta só trabalhar se a pessoa não encontra sentido para a vida? Então, educar é também procurar encontrar sentido para viver. Educar é aprender a gerenciar processos onde, de um lado, você caminha em

direção à autonomia, à liberdade. E, de outro, você busca sua identidade. Você deixa uma marca e, ao mesmo tempo, você interage, você consegue viver em sociedade, trabalhar em conjunto. Educar também é aprender a gerenciar tecnologias, tanto de informação quanto de comunicação. Ajudar a perceber onde está o essencial, e a estabelecer processos de comunicação cada vez mais ricos, mais participativos.

Eu vejo uma parte dos alunos de hoje na universidade, pelo menos na área em que eu atuo em São Paulo, muito preocupados com o futuro, mas somente no sentido de conseguir um lugar, ganhar dinheiro, uma boa posição social, numa perspectiva individualista, competitiva. Isso é preocupante. Há algumas áreas da universidade onde predomina o ensino bem tradicional. Um colega relatou-me que acompanhou uma aula em que havia um grupo grande de alunos tomando notas. Um aluno do fundo levantou a mão: "Professor não entendi". E a turma da frente disse: "Continue, continue, nós não podemos perder tempo". Mas que tipo de processo é esse em que os alunos querem só anotar o que o professor fala e quem fica para trás, é deixado de lado?. De um lado nós estamos falando de educação, dessa visão integradora, mas existem ainda muitos alunos e também professores, que ainda tem essa visão competitiva de "absorver a informação", de chegar logo na frente. Estou falando de exemplos concretos de pouco tempo atrás, não da década passada.

Antes de falar de Internet, quero falar da educação como comunicação. O educador revela na hora em que entra em contato com o aluno, mesmo que não fale, pela postura, pelo olhar, pela inflexão de voz, em que estágio de desenvolvimento e aprendizagem se encontra. Revelamos o que aprendemos realmente. Temos um currículo oficial onde listamos nossos cursos, tudo o que nós fizemos. Isso é uma parte da nossa história, que revelamos quando buscamos um emprego. Mas há um outro currículo que se chama de aprendizagem de vida, que mostra, quando você fala, pela forma como que você se expressa, pelas ideias que você comunica, o que você realmente aprendeu. Às vezes duas pessoas que fizeram os mesmos cursos, depois de alguns anos, já adultos, chegam a resultados completamente diferentes. Há pessoas que vão aprendendo sempre mais, enquanto outras, parece que desaprendem, que se complicam, se fecham, se tornam mais agressivas ou depressivas.

Aprendemos mais combinando de forma equilibrada a interação e a interiorização. As pessoas estão tão solicitadas pela ação externa, que se esquecem de si mesmas, estão todo o tempo navegando, viajando, todo tempo falando com as pessoas, indo de um lugar para outro, estão sempre ocupadas. Então, aprende-se hoje muito pela interação, mas esquecemos que o conhecimento só se faz forte, só se consolida quando o reorganizamos dentro da nossa própria perspectiva, do nosso universo, do nosso repertório, do nosso contexto e, para isso, precisamos ter o nosso tempo, o nosso dia, ter também a capacidade de olhar para nós mesmos, de encontrar tempo para meditar no sentido mais amplo, não somente religioso, e isso muitos adultos e também crianças não o têm. Esse, para mim, é um dos grandes problemas. Temos muita informação e pouco conhecimento. As pessoas procuram informações, navegam nos sites. O conhecimento não se dá pela quantidade de acesso, se dá pelo olhar integrador, pela forma de rever com profundidade as mesmas coisas. Para conhecer o mundo, não é preciso viajar muito. Basta enxergar o mundo a partir de onde você está, com um olhar um pouco mais abrangente. Não é só correr mundo, isso também é bom, mas se fosse assim os agentes de viagem seriam grandes sábios. O conhecimento também se dá pela interiorização e pela observação integradora.

Um dos desafios é como transformar a informação em conhecimento e em sabedoria. Sabedoria é um conhecimento integrado com a dimensão ética. A universidade prepara para o conhecimento. Mas o conhecimento pode ser usado para

explorar o outro, para manter a desigualdade de um país. Então, na universidade, muitas pessoas se preparam para servir aos grupos que tem mais dinheiro, esquecendo-se da maioria; falta-lhes a visão social. Então, o conhecimento parcial não integra a competência intelectual, a emocional e a ética. Esse é o desafio. Como juntar tudo isso numa sociedade tão desestruturada, onde estamos voando e não sabemos para onde? Como juntar o intelectual com o emocional e o ético, e não ver o ético como uma espécie de carga, mas como um desafio de crescimento pessoal?. A pessoa que evolui percebe que ter um comportamento honesto, não é ser otário; pelo contrário, significa gostar de si mesma. Otário é o desonesto, aquele que leva vantagem. Esse está atrasando a evolução dele e a de toda a sociedade. Está complicando tudo, mas infelizmente muita gente não percebe isso ainda.

Como se comunicar de uma forma coerente numa sociedade em que predomina o marketing, as meias verdades? Só vou falar aquilo que me interessa e esconder de baixo do tapete o que pode me prejudicar? Isso é um desafio, hoje também interessante. A comunicação autêntica faz avançar mais o processo de compreensão da realidade, mas, ao mesmo tempo, as nossas falas são cada vez mais superficiais. As pessoas falam muito, passam o tempo todo falando. Nos bares, no trabalho, na rua todo mundo está falando. Mas as pessoas não se revelam, falam de tudo menos de si mesmas, elas se escondem atrás das falas. Às vezes você pensa que conhece uma pessoa durante anos, mas de alguma forma ela escondeu o principal. Você pensa que uma pessoa é realizada, e depois você percebe que é infeliz, não se mostra assim... ela coloca uma barreira, finge até que desabafa, tudo isso... Às vezes, pessoas que pareciam extremamente equilibradas entram em depressões, psicoses... mas como podem, pessoas tão cheias de vida?!

O desafio é como sermos educadores, comunicadores de pessoas competentes e integradas. Creio que nós não precisaríamos de tantas teorias pedagógicas, se fôssemos pessoas mais amadurecidas. Na hora em que você é uma pessoa mais integrada, mais amadurecida, mais equilibrada, o seu processo de comunicação com esse aluno flui, a sua credibilidade aumenta, a forma como você comenta as coisas chama a atenção dele. Esse é um processo em que muitas pessoas não acreditam. Costumamos ter a visão de que tudo é imperfeito, de que já conseguimos aquilo que podíamos, de que a vida é assim mesmo, e esperar mais é uma bobagem. Perdemos o idealismo, deixamos de acreditar, principalmente na fase adulta, na capacidade de mudar. Acomodamo-nos, ficamos repetindo os mesmos ritmos, as mesmas coisas, tornamo-nos pessoas pela metade, quando poderíamos ser pessoas muito mais evoluídas. Se nós mesmos não acreditamos, como educadores, no nosso potencial, como poderemos estimular o potencial dos nossos alunos?

Outro desafio é integrar as tecnologias em projetos pedagógicos, inovadores e participativos. Aqui também, o mundo das tecnologias envolve muitos grupos empresariais que querem ganhar dinheiro, que só querem vender, que vendem tudo como solução. A tecnologia nos ajuda, mas também nos complica. Tem um lado que nos favorece e um lado que nos controla: essas câmeras que eles colocam nas grandes cidades que servem para observar o trânsito e também para vigiar os cidadãos, para controle dos movimentos sociais. Temos também muitas ambiguidades no uso das tecnologias. Então, como sociedade nós avançamos muito sob o ponto de vista tecnológico. Dizia Arnold Toynbee que, tecnologicamente, somos como que deuses, enquanto do ponto de vista humano, ainda somos como primatas. Isso não acontece só no Terceiro Mundo. As guerras mais cruéis, os grandes genocídios do século XX aconteceram na Europa avançada, na Europa refinada, na Europa cheia de museus e de história.

Nunca tivemos tanta informação disponível, tantas tecnologias, mas nunca tivemos também tanta dificuldade de comunicação. Comunicar significa interagir de verdade, todos nós que estamos envolvidos no processo.

Ensinar e aprender com a Internet

Quanto mais eu mexo com a Internet, mais sinto que a questão está em outro lugar. Internet é fácil de aprender, é uma tecnologia legal, você a domina em pouco tempo. Mas a questão humana é um desafio que as tecnologias não conseguem dar conta.

A Internet é uma mídia de pesquisa, cuja palavra chave é a “busca” o “search”. É também uma mídia de comunicação, com ferramentas como o “chat”, o “e-mail”, o fórum. Mas, fundamentalmente, a Internet começa a ser um grande meio de negócios, um espaço onde estão surgindo novos serviços virtuais, *on-line*. A Internet está ainda engatinhando, é uma nova mídia de comunicação, é como a televisão na década de 40, no começo da década de 50. Ela ainda está numa fase muito embrionária, mas vai explodir. Em 10 anos ela será mais famosa do que a televisão hoje, porque ela, de alguma forma, vai-se ligar com todas as outras mídias, porque ela não vai ser acessada somente por um computador, que é caro, mas também por outras tecnologias, agora pelo celular, vai estar no carro, vai estar na nossa casa, em qualquer eletrodoméstico, teremos um acesso por mil formas que nós hoje nem imaginamos. Será uma mídia extremamente popular nesses próximos anos. Ela vai-se tornar a maior mídia de massa.

Caminhamos para formas de comunicação audiovisual pela Internet de uma parte dos brasileiros, não de todos. Mas a qualquer momento você poderá ver e ouvir facilmente os outros, e a um custo barato. Isso é algo que até agora só as pessoas da televisão fazem, repórteres e apresentadores, vendo-se e conversando ao vivo de diferentes países. Com a Internet e a velocidade... isso vai ser relativamente fácil e barato. Só que isso também não vai diminuir as desigualdades, pelo menos a curto prazo. A questão tecnologia não vai ser resolvida. Mesmo que se tenha a televisão hoje, de que adianta só ter o acesso? A televisão não muda o modelo social, faz com que mais pessoas tenham acesso, mas dentro de um mesmo modelo concentrador (os mesmos falam para os demais).

Há uma expectativa exagerada em relação às tecnologias, mas elas realmente vão mudar algumas coisas. Vamos poder estabelecer pontes entre o presencial e o virtual, entre estarmos juntos fisicamente e só conectados. Em um curso que dei há pouco na pós-graduação de Comunicação da USP, fui apresentando o seu conteúdo numa página. Ao mesmo tempo, esse conteúdo gerou uma série de pesquisas que depois nós fomos divulgando. Tínhamos uma série de discussões em tempo real e *off-line*. Tudo foi gerenciado por um programa que integrava o conteúdo, a comunicação e a administração do curso. Os alunos enviaram seus textos, comunicaram-se por fórum, conversamos em várias salas de *chat*, a distância, para trabalhos em grupo, dar orientação, tirar dúvidas.

Como nem sempre é possível reunir os alunos em horários predeterminados, organizei também discussões gerais ou grupais no fórum. É um espaço onde se podem criar tópicos de discussão e cada um escreve quando o considera conveniente. Havia fóruns gerais, para todos e também para grupos, para discutir assuntos específicos e facilitar a interação. Os fóruns de grupos podiam ser abertos a todos ou só para cada equipe, dependendo do grupo e da atividade.

As ferramentas de comunicação virtual até agora são predominantemente escritas, caminhando para serem audiovisuais. Por enquanto escrevemos mensagens, respostas, simulamos uma comunicação falada. Esses *chats* e fóruns permitem contatos a distância, podem ser úteis, mas não podemos esperar que só assim aconteça uma grande revolução, automaticamente. Depende muito do professor, do grupo, da sua maturidade, sua motivação, do tempo disponível, da facilidade de acesso. Alguns alunos comunicam-se bem no virtual, outros não. Alguns são rápidos na escrita e no raciocínio, outros não. Alguns tentam monopolizar as falas (como no presencial), outros ficam só como observadores. Por isso, é importante modificar os coordenadores, incentivar os mais passivos e organizar a seqüência das discussões.

Aqui outra página, outro espaço de comunicação, fórum, correio, ajuda, dicas, colaboração e bate-papo. Essa é outra cara dessas ferramentas, esse é o conceito de fórum, quer dizer os fóruns são mensagens que estão sendo enviadas pelos alunos de onde eles quiserem, da casa deles. Aí existem informações, perguntas, contribuições ao curso, você pode organizar isso por grupos.

Aqui é uma sala de bate-papo (*chat*). Podemos resgatar aquele conceito de *chat* para a educação. Podemos discutir a distância alguns assuntos ligados a nossa matéria. Então, o programa prevê algumas salas, são salas de bate-papos onde você pode realizar certas discussões com os alunos, colocá-los em grupos na sala 1, sala 2, sala 3, sala 4, simultaneamente e tudo o que é feito nesse momento é gravado, disponibilizado. Então, de alguma forma é um espaço de discussão, mas ao mesmo tempo é um espaço de aprendizagem que pode ser disponível.

Aqui é uma das salas. Você escreve embaixo e tudo vai aparecendo aí em cima com o seu nome. À direita aparecem os usuários, quem estão conectados. Em alguns momentos em que os alunos estavam distantes de mim geograficamente, eu tinha uns que não eram nem do mesmo Estado, de São Paulo. Nós nos encontrávamos e fazíamos atividades com a mesma página, com a mesma sala. É muito inferior a poder estar fisicamente juntos, mas é muito interessante sentir quando uma pessoa estava em Belo Horizonte, outra em Curitiba e outra em São Paulo, e todos podiam discutir o mesmo assunto na mesma tela.

Aqui há, ao mesmo tempo, algum apoio para os alunos, materiais que você disponibiliza, como bibliotecas virtuais, endereços básicos para pesquisa em educação a distância, que era o que nós estávamos trabalhando.

Simultaneamente, participei de outro curso de especialização na PUC do Paraná. Primeiro entrei em contato físico com os alunos, depois nos encontramos no ambiente Eureka, um programa que nos permite gerenciar o curso a distância. De São Paulo ou de outra cidade, pude apresentar novos textos, responder *e-mails*, comunicar-me com os alunos.

Na verdade, tudo isso não é o principal. A questão não é usar a ferramenta. O que eu queria passar para vocês como mensagem é que podemos mudar com tecnologias, mas mesmo que vocês não tenham essas tecnologias mais avançadas, podem mudar para processos participativos e investigativos. Significa que o aluno sai da posição mais passiva em que se encontra no processo de aprendizagem: ele pesquisa, ele muda de atitude de consumidor de informação, não espera que só o professor fale tudo. Podemos experimentar esta nova relação com o aluno, ajudá-lo na sua mudança de atitude, mais ativa. É um processo de envolvimento constante na busca de soluções, é compartilhar, é trocar.

O que consegui perceber nesses últimos anos é que posso falar menos numa sala de aula e, ao mesmo tempo, os alunos aprenderem. Há momentos em que eu falo, dou

aula expositiva, ou ilustrativa, para situar, para contextualizar. Mas na maior parte do tempo, minha função é estimular a pesquisa, propor questões, situações, buscar experiências com os alunos, nem sempre pela Internet, muitas vezes em sala de aula, através de um texto. Incentivar que eles pesquisem, consultem bibliotecas, façam entrevistas com pessoas, e depois compartilhar e trocar os resultados com os colegas e para toda a classe, e mais tarde divulgá-los na Internet.

Com as tecnologias, o que muda é o conceito de espaço e de tempo. Lembra do meu exemplo de quando fui à Espanha? O tempo de aprendizagem se dá quando um aluno envia um *e-mail*. E eu, hoje, se me conecto na página dos alunos e encontro ou envio mensagens, a aula continua, mesmo a centenas de quilômetros da minha cidade.

Ao mesmo tempo, o espaço muda. Já vimos no começo que aula não é somente espaço físico, o qual é combinado também com espaços virtuais com novas interações. Isso aqui está mais distante para uns do que para outros, mas todos, pelo menos, têm que estar atentos. Ao mesmo tempo, também o processo que aí está é muito dinâmico, baseado mais em questões, em problemas, em projetos. Com tecnologias, eu posso adaptá-los mais a cada grupo e ao ritmo dos alunos. Mas vejam... isso pressupõe ter condições de trabalho, o que a maior parte dos professores ainda não possui. Então, posso fazer algumas coisas, porque me encontro numa situação diferente daquela da grande maioria dos professores. A maioria dá muitas aulas, tem muitos alunos, não tem condições econômicas e tecnológicas suficientes. Eu hoje tenho poucas turmas, poucos alunos em cada turma e tenho uma boa rede tecnológica.

O que eu estou expondo para vocês não é para que o copiem ou para que se sintam culpados se não puderem fazer isso. Tentem mudar o que lhes for possível, tornar de alguma forma suas aulas mais participativas, incentivar a que os alunos se tornem pesquisadores com as tecnologias disponíveis – jornal, televisão, vídeo, gravadores; às vezes não têm Internet, mas se tiverem podem fazer algumas coisas a mais.

É importante ir planejando e construindo, transformando uma parte das aulas no processo contínuo de pesquisa e de comunicação no qual você equilibra o planejamento com criatividade. Não podemos deixar a aula totalmente solta, tampouco totalmente amarrada. Prever as coisas e, ao mesmo tempo, ir sentindo o momento, as circunstâncias, ligar o conteúdo à vida. Planejar as aulas é, ao mesmo tempo, construí-las com processos participativos. Eu diria que isso é um desafio. Como fazer? Eu encontrei a minha forma na minha situação concreta, mas não foi de fundo tecnológico, foi um processo mais de percepção, de que envolvendo o aluno, tornando-o mais participativo, ele aprende mais. Ele aprende melhor do que somente me ouvindo. Ele pode aprender só me ouvindo, mas aprende melhor interagindo, pesquisando.

Apesar de tantas mudanças, a comunicação presencial é fundamental ainda, e vai ser sempre, para certos momentos fortes, para conhecer-nos, para estabelecermos elos de confiança. O olho no olho ainda é decisivo para definir objetivos, quando nós queremos saber o que queremos, para situar um assunto, um tema, para motivar os alunos, para elaborar cenários de pesquisa, saber o que nós vamos pesquisar. Para orientar esses alunos, para formar grupos a presença física é ainda fundamental. Eu creio que isso vai ser sempre. Mas também há momentos em que a presença virtual, a comunicação virtual é importante. Ela cria uma interação mais livre no tempo e no espaço, porque personaliza ritmos e estilos diferentes, porque integra pessoas que estão distantes geograficamente, porque permite maior liberdade, também, de comunicação. Há pessoas que, às vezes, são mais quietinhas em sala de aula e que se soltam através de Internet. Escrevem muito, escrevem bem, quando parece que não têm esse controle

externo, físico. Então, é interessante essa idéia de também usar a rede como um campo de comunicação.

Utilização de recursos simples da Internet

Queria pelo menos mostrar, rapidamente, algumas coisas simples sobre como ensinar. Aqueles que ainda não estão utilizando a Internet, não vejam isso como... “Eu não tenho nada a ver com essa palestra”. Você que não a está usando, tem que estar acompanhando o que está acontecendo. Mesmo as pessoas mais pobres, hoje, ouvem falar da Internet na televisão. A Globo fala da rede mundial de computadores, e assim, até o menino de favela tem informações sobre a Internet, mesmo sem nunca ter navegado.

O professor novo tem que ser alguém que sabe por onde as coisas vão, mesmo que ele nem sempre tenha todas as condições tecnológicas.

Para ensinar, é importante começar conhecendo os alunos, como eles são, o que querem. Sensibilizá-los para aquela área de trabalho que você vai trabalhar, para aquela matéria. Mostrar a importância de desenvolver processos de comunicação mais participativos e para o uso da Internet.

O professor pode criar uma página na Internet. Pode ser simples, como uma espécie de espaço virtual de referência, com um pouco do histórico de vocês, o que vocês fazem, qual é a área em que atuam, que tipo de curso vocês dão. Se você não sabe criar páginas, peça a ajuda de um adolescente, de um colega ou de um filho. Mostre-lhe o esquema do que você quer colocar na página e você vai ver como ele resolve. Coloque os programas das suas disciplinas, alguns textos, a bibliografia, sempre que possível *linkada* com os endereços na Internet.

A página é importante como visibilização de quem você é hoje, para aqueles que o conhecem e para aqueles que não o conhecem. Para os colegas dentro de um colégio, de uma faculdade, para pessoas que estão trabalhando em outros colégios, em outras faculdades, com temas semelhantes, pode ser interessante essa divulgação, que propicia o intercâmbio de ideias, de projetos e até pode abrir novas oportunidades profissionais.

Eu já descobri muita coisa interessante, por ter feito uma página (www.eca.usp.br/prof/moran). Esta serve para os alunos atuais, para os ex-alunos e para as pessoas que têm interesse de tratarem de comunicação, educação e tecnologia. Eu vou disponibilizando alguns textos sobre comunicação pessoal, mudanças na comunicação pessoal e sobre tecnologias de comunicação. Trabalho com a mudança das formas de ensinar e de aprender, com algumas questões ligadas à tecnologia e um pouco também sobre educação a distância. Disponibilizo também endereços comentados sobre, o que vale a pena pesquisar a cerca de algumas áreas de comunicação e educação. Há uma área sobre teses em relação à educação a distância, disponíveis, *on line*, que você pode ler e copiar no seu computador. São coisas que para alunos podem ser úteis.

Quais seriam os primeiros passos nas tecnologias ligadas à rede? Primeiro dominar as ferramentas. Alguns alunos sabem navegar, outros não, e mesmo aqueles que sabem, sempre desconhecem algo, por exemplo, como pesquisar na Internet. Pesquisas em bibliotecas virtuais, em *sites* de busca, pesquisa mais abrangente e mais focada. Procuo também que todos os alunos tenham seu endereço eletrônico, seu *e-mail*. Para isso, deve a instituição oferecer alguns espaços para o aluno entrar na Internet (salas de acesso), para não depender só do acesso doméstico. Na USP, posso pedir atividades pela Internet e enviar mensagens para os alunos, porque há salas de acesso para eles em cada Faculdade. Depois, o professor cria uma lista de *e-mail* ou de discussão para todos; eu

dou um nome, e a partir daí, estamos todos conectados. Aí qualquer informação que eu tenho vai para todos, a informação de um aluno vai para todos colegas, isso cria um certo vínculo além da sala de aula. É interessante! A gente não se vê fisicamente? Se vê, mas ao mesmo tempo em que se vê, também mantém um outro vínculo através da rede. Eu chamo essa lista de revista eletrônica interna, ela serve para manter uma conexão-vínculo permanente entre professor e alunos, para passar informações importantes para o grupo – “o gente... não esqueçam, na próxima semana vamos discutir tal coisa, não esqueçam de trazer tal material, é importante!”. Lembretes para meditar sobre assuntos, sobre pesquisas, para intercambiar materiais, textos, até para entrega de trabalhos (dependendo do tamanho, peço também uma cópia escrita). O fato de enviar textos pela Internet confere ao curso agilidade e um charme, quando no fundo não é mais do que uma ampliação do texto escrito tradicional, com uma nova roupagem, atraente para os alunos.

A lista de discussão contribui para a construção cooperativa do conhecimento, misturando espaços. Você vai juntando as informações da sala de aula, do laboratório e do espaço virtual de aprendizagem, o ambiente virtual.

Uma outra ideia que tenho experimentado e tem dado certo é que cada classe crie a sua página e ali eles vão dispondo os materiais, individualmente ou em grupo. Outros materiais o professor coloca e assim vai se construindo o curso, entre o que você prevê e o que eles vão trazendo. Essa página pode ser interna, sem divulgação, para haver mais liberdade. Se vale a pena, no final do semestre, essa página pode ser divulgada externamente. Eu tenho uma página dos alunos de pós-graduação do ano passado. O curso de alguma forma continua, apesar de que academicamente está encerrado, porque a página está ali disponível para quem quiser (<http://sites.uol.com.br/cdchaves>)

Eles criaram essa página deles, e eu tenho a minha, que tem uma conexão para esta página. Eles são responsáveis pelo formato e pela atualização. Eles foram colocando os textos que pesquisaram, ou pelo menos uma parte deles, os endereços interessantes também para o curso. Vocês percebem que no ano passado eu utilizava ainda essas ferramentas integradas, como o WebCT, que mostrei há pouco. Eu usava mais uma lista de *e-mail*, criávamos alguma página simples. Isso tornava o curso extremamente rico e interessante. Por isso, não se preocupem só em ter o mais moderno, o programa mais moderno. Comecem com coisas simples. Vocês verão que, se incentivarem seus alunos, eles participarão, se envolverão, eles trarão contribuições significativas.

Outra área importante é usar a Internet para pesquisar. Muita gente copia coisas da Internet, então, tem que orientar como pesquisar, que tipo de trabalhos você pede, de forma que não venham as coisas prontas, e orientar... fazer alguns processos de pesquisas coletivas sobre alguns temas fundamentais para o curso. Pesquiso junto com eles um ou dois assuntos importantes da disciplina, oriento, tiro dúvidas. Isso lhes dá uma certa tranquilidade e também eles me ensinam muita coisa, pois eles pesquisam de um jeito diferente do meu: eu pesquiso de forma meio lógica e eles, de forma meio intuitiva. Você pergunta: Como você chegou lá? “Eu estava aqui, fui ali, cliquei aqui, entrei aqui”, e de repente, encontrou uma página que você não conhecia sobre a sua própria área de especialidade. Interessante esse trabalho de estar todos juntos em alguns momentos, fazendo uma pesquisa grupal primeiro aberta. Nela propõe o assunto e dá um tempo para que o aluno o procure onde ele quiser. A única recomendação é que, quando ele achar algo legal, o comunique: “gente, achei uma coisa interessante”... Aí coloca o endereço na lousa e quem quiser vai lá e pode conferir. Não pesquisamos para competir, para dizer “eu sou o melhor, eu achei mais informação que o colega”. Não creio que esse seja o caminho melhor. É melhor aprender cooperativa do que competitivamente. Depois fazemos uma síntese dessa primeira parte da pesquisa, divulgamos os endereços

principais e num segundo momento fazemos uma pesquisa mais focada, mais dirigida, afunilando o que vimos antes ou orientando-os para endereços que eu previamente tenho selecionados. Tudo isso é gravado. Eu peço que eles levem disquetes, que eles gravem as principais páginas que encontraram e troquem constantemente informações entre si. Eles podem enviar por e-mail e para a lista da classe os endereços ou materiais principais. É um processo muito rico. É um tipo de aula muito criativa, e eu não sei exatamente o que vai acontecer quando começa. Esse também é o lado fascinante! Quando eu estou no laboratório com eles, eu aprendo tanto quanto eles. Essa é a ideia da troca, principalmente no nível superior, na pós-graduação, etc. Se você se coloca diante do aluno como alguém que não sabe tudo, que também está aprendendo, você verá como ele ajuda, como envia informações importantes. Você, nesse momento, não é só um informador, você é um gerenciador, um coordenador. Alguns textos podem ser impressos também e, no final, a gente faz uma síntese dessa aula: o que aprendemos, o que descobrimos de mais interessante, mais novo. Peço que alguns textos sejam analisados durante a semana. Fazemos uma espécie de coleta meio superficial no laboratório. Em casa, fazemos uma leitura mais aprofundada. Na próxima aula, vemos os resultados e alguns textos são incorporados à bibliografia do curso, textos que os alunos descobriram e que eu não conhecia no começo do curso. Na verdade, nesse processo, o aluno e eu trabalhamos muito mais do que no ensino tradicional. Estou alertando... é mais prazeroso, mas é também mais trabalhoso. Se eu tivesse sempre o mesmo curso, repetisse as mesmas coisas, os mesmos exercícios, eu não teria que fazer tudo isso. Agora, a cada semestre eu penso o curso e a mesma matéria, mas de alguma forma ela muda, eu costumo reinventar. Às vezes, as coisas não dão muito certo; esperava um resultado... nem sempre acontece aquilo que esperava, mas pelo menos tentei. Tentem o que lhes for possível, até onde vocês puderem, mas tentem, não fiquem na mesmice. Procurem também ajuda de alguém no gerenciamento do curso, para que consigam acompanhá-lo sem ser um peso insuportável de tempo e atividades.

Ao mesmo tempo em que trabalhamos na pesquisa com toda a classe, organizo também a pesquisa individual ou em dupla, depende do número de alunos. Eles escolhem um assunto de interesse que esteja ligado à matéria: "desses tópicos que estão aqui, qual é do teu interesse? Faz uma ponte entre teu interesse e a área. Faz uma proposta de pesquisa". O aluno faz uma proposta. Eu as organizo e dou um mês aproximadamente para terminá-la. Ele mostra os resultados oralmente para a classe, de forma breve e motivadora. Ele traz uma cópia para cada colega, do texto escrito, ou o envia antes pela Internet. Eles trabalham com a Internet, a fala e o texto escrito. Se ele o copiou da Internet, vai haver perguntas, ele vai ser argüido, não no sentido chato, mas vamos perguntar. Ele, aluno, explica as dúvidas até onde sabe e eu ajudo e complemento, dentro do possível. Depois os textos podem ser colocados na página do curso.

Uma outra área interessante na Internet é a comunicação. Comunicação, como já falei há pouco, pode ser usada em alguns momentos em atividades bem focadas. Para trabalhos de grupos, eles podem usar o ICQ, o NetMeeting, uma sala de bate-papo específica. É útil para orientar grupos, tirar algumas dúvidas. Principalmente é útil para alunos que têm dificuldade em permanecer fora do horário das aulas, porque moram longe ou trabalham. Os alunos podem se reunir virtualmente para desenvolver algumas atividades de grupo. Os *chats*, por enquanto, são escritos. Daqui a pouco serão audiovisuais e interativos, e aí sim, serão muito mais úteis pedagogicamente.

Avaliação do ensino/aprendizagem com a Internet

A avaliação que eu faço de todo esse processo de ensinar e aprender com a Internet de forma mais participativa: eu vejo que os alunos estão motivados; se estão motivados, se apresentam trabalhos mais criativos, creio que eles aprendem mais. Eles mostram mais interesse e curiosidade, mas não são todos, alguns vão sempre a reboque, há alunos que se escoram no grupo. Isso acontece em qualquer situação de ensino.

A motivação aumenta, se são estimulados a produzir algo concreto, algo que pode ser apresentado. Eles querem ver resultados. Por isso, é importante que os alunos apresentem suas pesquisas, que criem uma página e coloquem essa pesquisa na página. Eu os ensino, às vezes, a criar uma página simples. Isso já é uma tarefa, um produto concreto. Vejo os alunos mais motivados e confiantes: eles têm que falar em público, produzir coisas. Eles se comunicam pela Internet e diminuem a distância entre professor e aluno que estão geograficamente distantes. Eu gosto muito de incentivar a comunicação com grupos de escolas ou países diferentes. Na graduação, de vez em quando, eu dou uma idéia – “Bem, gente, se vocês quiserem, eu tenho colegas na Espanha, conheço alguns professores de lá, se vocês quiserem, podemos criar uma espécie de bate-papo com alunos de lá”. Não é uma atividade do curso, atividade de nota. Quem quiser, faz isso como uma atividade paralela”. Eles adoram essas coisas. Ficam trocando *e-mails* com novos colegas. Isso é uma motivação para o curso, é uma coisa muitas vezes tangencial, não traz resultados diretamente para o próprio curso, mas eles estão desenvolvendo atividades prazerosas e abrem seus horizontes culturais. Isso é importante também; propiciar atividades em que eles se sintam motivados.

O professor precisa ter muita flexibilidade e capacidade de adaptação neste processo. Criar muito, estar atento para ver se está indo tudo bem, mudar a estratégia, as dinâmicas. Às vezes, uma aula no laboratório não está funcionando, trava a rede, tudo fica lento... aí tem que mudar, tem que prever alternativas. Se travou a rede, invente outra atividade, tenha uma segunda proposta para dar continuidade à aula.

Os alunos e os professores desenvolvem mais a intuição, pela necessidade de avaliar instantaneamente *sites*, textos, grupos. Tudo é instantâneo na Internet, o que traz a confusão entre informação e conhecimento, entre navegar e conhecer. A intuição é fundamental, como capacidade de organizar de forma imediata o que está disperso.

A comunicação com os alunos é facilitada dentro de um processo afetivo. Os alunos são muito sensíveis à aproximação afetiva, ao apoio, ao incentivo. Alguns professores só sabem impor e controlar para conseguir resultados. Pode parecer mais eficiente, mas com certeza é menos rico e participativo.

Outra dimensão positiva é que a Internet traz a idéia de modernidade, do prazer de estar atualizado. Quando eles vêem que o professor está atualizado, que acompanha as mudanças, confiam mais nele, se aproximam mais.

Às vezes alguns colegas ficam preocupados comigo, porque os alunos os questionam sobre a forma tradicional de dar aula e por que não utilizam todos os recursos tecnológicos. Cada um de nós dá suas aulas do jeito que sabe, mas os alunos comparam e se perguntam: Por que aqui só fico ouvindo e com o outro professor fazemos tantas coisas interessantes?

Também já recebi recados mais ou menos assim: “Você só fica brincando de Internet no laboratório. Isso não é dar aula!. Quero ver você ficar na sala de aula falando o tempo todo”. Eu também dou aula expositiva. Cada vez vou menos ao laboratório e oriento mais as atividades na sala ou na nossa página na Internet. O importante não é falar mais ou menos, mas contribuir para que o aluno aprenda, e isso pode ser feito de

várias formas, com ou sem tecnologias, mas com elas o nosso trabalho pode ser facilitado.

A Internet, na fase atual, contribui para o desenvolvimento da escrita. Os alunos leem e escrevem muito. É uma escrita mais solta, nervosa, sintética, coloquial, mas treinam vários tipos de escrita, uma mais coloquial e outra mais organizada. No futuro, teremos que repensar a questão da escrita, quando o falar se torne preponderante na Internet.

Muitos se preocupam com a perda de mercado no campo da educação. Mas vamos continuar precisando muito de educadores competentes, de pessoas que saibam fazer relações entre o que está solto, que as adaptem àquele grupo, que peguem uma informação no cotidiano e a conectem com a vida do aluno, com a profissão dele. Esses professores terão um futuro brilhante. Começamos a ter uma demanda enorme de bons profissionais na educação, mas somos poucos. Os outros, nós vamos ter que suportá-los, ainda muito tempo, porque a educação demora a mudar, mas aquele que tem essa visão e se prepara para isso, tem e terá mercado em qualquer lugar.

Eu sinto hoje, em certas áreas, na área onde eu estou, em São Paulo, que não temos muitos profissionais bem preparados. As empresas estão buscando profissionais da educação e da informação, que tenham visão inovadora e capacidade de mediação, de fazer pontes entre a informação e as organizações. Sobrarão os professores papagaios, que só repetem o que leem, que são previsíveis, que pouco mudam.

Muitos, com os métodos tradicionais controladores, preparam os alunos para a repetição, para a obediência. Um aluno bom, qual é? Aquele que me obedece, que repete tudo que eu quero, que faz tudo o que eu mando. Quem sobrevive hoje nas grandes empresas? Pessoas criativas, que muitas vezes trazem contribuições diferentes daquilo que era esperado, que também saibam trabalhar em grupo, que não sejam excêntricas, pessoas que criem e para criar você tem que sair do esquema de só obedecer, você tem, de alguma forma, que discordar, não no sentido ser "cri-cri", mas propondo alternativas. E nós não educamos nossos alunos nessa perspectiva mais aberta, e sim na perspectiva da obediência, da submissão. Então, nós os estamos preparando para o desemprego.

Alguns problemas no uso da Internet

O aluno tem propensão à dispersão, perde muito tempo, abre muitas páginas ao mesmo tempo, nem todas páginas que você quer, muitas que você não quer ao mesmo tempo, faz um hipertexto de navegação muito curioso, dispersivo e confuso, ao menos para um adulto. Confunde também quantidade com qualidade, quantidade de páginas com conhecimento (o mesmo processo de sempre, só que a Internet o torna mais visível).

Alguns alunos ainda preferem as aulas tradicionais. Preferem ficar ouvindo, fazendo anotações. Custa-lhes mudar de atitude e por isso criticam o professor que inova.

Um outro problema é o deslumbramento dos jovens pelas imagens e sons. De um lado é uma qualidade, porque eles têm uma aguda percepção da linguagem audiovisual, mas de outro lado ficam babando pelos *sites* que têm animações, *banners*, muitas cores e não olham para o conteúdo, a qualidade dos artigos. Há sites muito ricos, que eu não consigo esgotar e que os alunos demoram dois minutos, pois afirmam que já viram tudo...

Outro complicador é o alto grau de consumismo de muitos jovens: consomem rapidamente a informação e sempre procuram algo novo, diferente, o que os torna superficiais, rápidos, “antenados” e dispersivos. O conhecimento se dá pela troca, pelo intercâmbio, pela interação, mas também pela interiorização, pela reflexão pessoal, pela capacidade de reorganizar pessoalmente o que percebemos fora. E para muitos, atentos ao navegar, torna-se difícil mergulhar em si mesmos.

Alguns princípios que continuam sempre fundamentais nesse processo: Como integrar tecnologia e humanismo? Na primeira parte foquei mais o humanismo, depois falei de tecnologia, agora vou juntá-los. Alguns princípios continuam sendo básicos:

- Ligar a Internet à vida dos alunos, ver os interesses deles no cotidiano, o que está acontecendo. Isto sempre os motiva: fazer uma ponte entre o que a TV mostra e o tema a ser trabalhado em classe.
- Tentar chegar aos alunos por todos os caminhos possíveis, pela experiência, pela imagem, pelo som, pelo teatro, dramatização, pela multimídia, pela interação real e virtual. Depois observar onde o aluno está, partir de onde ele está, ir até ele e ajudá-lo a avançar, a evoluir. Acontece que o professor, com frequência, usa toda a experiência que ele tem hoje como adulto e descontextualiza totalmente a visão que o adolescente está construindo. Isso cria uma incomunicação profunda. É importante aproximar-se do aluno, conhecê-lo, valorizar seu conhecimento específico e, a partir daí, ajudá-lo a crescer e a problematizar mais.
- Integrar as tecnologias com a vida o tempo todo, o real e o virtual. Vocês percebem que eu não estou excluindo uma coisa ou outra. Algumas pessoas se isolam mais, como hoje o fazem diante do medo que a grande cidade lhes provoca. Outras equilibrarão o estar conectados e o encontro físico, o olho no olho. Projetamos nas tecnologias nossos desejos, nossos medos e as utilizamos a partir do nosso modelo de enxergar o mundo. Precisamos aprender a integrar tudo, num olhar abrangente e afetivo, que relacione todas as dimensões da realidade. Somos pessoas receptivas ao afeto. Somos crianças grandes: um afago nos acalma. Muitos se expressam de forma agressiva ou distante, fruto de inúmeras formas de rejeição. A comunicação afetiva facilita o caminho da aprendizagem.
- Tentar manter sempre a atitude aberta, estar de antenas ligadas. Uma das coisas mais bonitas que aprendi nesses últimos anos é que o processo de aprendizagem não se faz só na escola, mas se faz fundamentalmente na vida. A escola serve para organizar rapidamente algumas áreas do conhecimento, mas é na vida que aprendemos mais, que vamos adquirindo a visão de totalidade. E me inspiro no exemplo de algumas pessoas que foram sempre crescendo na capacidade de compreender o mundo, mesmo já em idade avançada, e sempre estavam prontas para aprender, para evoluir sempre mais. E eu acho isso fantástico! Enquanto isso, quantas pessoas vão minguando física, psicológica e moralmente, à medida que envelhecem! Por isso, é fundamental estar sempre de antenas ligadas, interligando tudo, aumentando a comunicação entre o sensorial, o emocional, o racional, o tecnológico e o transcendental – a esse universo que está aí e ainda não compreendemos bem, pois é cheio de mistérios.
- Desenvolver processos de comunicação cada vez mais coerentes e autênticos, até onde for possível, principalmente comigo mesmo. Procurar ser autêntico e compreensivo. Autêntico significa que vou aceitando o que

percebo sobre mim mesmo, como o percebo, aceitando meus limites atuais, apoiando-me e procurando avançar até onde me for possível em cada momento, no ritmo que me for possível. Se eu não me aceito, muitos não me aceitarão. Muitos vivem em função da aceitação dos outros: se o outro gosta de mim, eu estou feliz; se me critica, desmorono. Aprenderei mais e me realizarei mais se parto da aceitação profunda pessoal e não só da social; e se desenvolvo o prazer de aprender e o prazer de viver. Somos os profissionais da aprendizagem, e que exemplo damos se não sabemos aprender o principal, que é aprender a viver?. Todos podemos aprender o tempo todo, podemos transformar nossa vida em um processo permanente, paciente, confiante e afetuoso de aprendizagem.

(Ano 2001)